ISSN: 1984-8781 - Anais XVIII ENANPUR 2019. Código verificador: **dwyXz73wNinL** verificar autenticidade em: http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais

PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE FREQUENTADORES SOBRE O PARQUE DA INDEPENDÊNCIA COMO FERRAMENTA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Autores:
Raphael Henrique Martins - Universidade Nove de Julho – UNINOVE - raphaelmartins.adm@hotmail.com
Ana Paula Branco do Nascimento - Universidade Nove de Julho – UNINOVE - ana_paula@uni9.pro.br
Heidy Rodriguez Ramos - Universidade Nove de Julho – UNINOVE - heidyr@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho busca analisar a percepção ambiental, consciência e comportamento de frequentadores do Parque da Independência, localizado na região Sul da cidade de São Paulo. A coleta dos dados foi realizada por meio de 106 entrevistas que seguiram um roteiro estruturado a partir de questões relacionadas ao perfil do entrevistado e percepção sobre a estrutura presente no Parque da Independência. Dentre os principais resultados destacam-se que a infraestrutura do Parque da Independência é avaliada de forma regular pelos frequentadores. Alguns equipamentos e estruturas são classificados como ótimos e bons, porém, apresentando itens ruins e péssimos. Portanto, cuidados com manutenção e avaliações contínuas se mostram de extrema importância para decisões de gestores públicos. A qualidade das áreas verdes é percebida como boa e/ou muito boa pelos frequentadores do parque. No entanto, a segurança do parque e estacionamento, estão aquém das expectativas. Em suma, o parque de uma forma geral, se mostrou, por meio da percepção e relatos dos entrevistados, um parque que apresenta falhas em sua segurança, cuidados com a infraestrutura e manutenção dos mesmos. Como contribuições deste estudo destaca-se a percepção de frequentadores do espaço público urbano, a qual é fundamental para a manutenção e conservação desta área verde. Dessa forma, cabe aos gestores analisar as avaliações dos frequentadores entrevistados. Os resultados dessa análise poderão servir como ferramenta e instrumento para desenvolvimento de atividades e projetos de Educação Ambiental visando a melhoria para a gestão do parque e sociedade.

PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE FREQUENTADORES SOBRE O PARQUE DA INDEPENDÊNCIA COMO FERRAMENTA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

INTRODUCÃO

A maior parte da população humana vive hoje em cidades, e é necessário conhecer e compreender esse ambiente (DIAS, 2006). De acordo com Silva e Vargas (2010), a cidade pode ser entendida como um ecossistema, dentro do qual todos os elementos e processos do ambiente estão inter-relacionados e interdependentes. Desse modo, uma mudança em um dos componentes resultará em alterações em outros.

Os parques são considerados áreas verdes de domínio público segundo o Art. 8º, § 1º, da resolução CONAMA Nº 369/2006. Estes espaços são caracterizados por desempenhar função ecológica, paisagística e recreativa, propiciando a melhoria da qualidade estética, funcional e ambiental da cidade, sendo dotado de vegetação e espaços livres de impermeabilização.

Espaços verdes, como praças e parques, são considerados de grande importância para a qualidade de vida das pessoas que se encontram em seu entorno ou que frequentam os mesmos (DORIGO; LAMANO-FERREIRA, 2015; PEREIRA; PATO, 2015; FRANÇA et al., 2016).

Os valores pessoais, percepção e comportamento ecológico dos frequentadores de espaços verdes devem ser compreendidos e considerados para a manutenção desses espaços (COSTA; COLESANTI, 2011; FREIRE et al., 2013). Por isso, é de suma importância conhecer a percepção ambiental, que é hoje, um tema recorrente que colabora para a consciência e prática de ações individuais e coletivas (CUNHA; LEITE, 2009), uma vez que cada indivíduo percebe o meio ambiente de uma maneira particular (REBOUÇAS et al., 2015).

Para Tuan (2012), percepção é uma resposta aos estímulos externos onde alguns fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem ou são bloqueados. No caso da percepção ambiental (PA), variáveis como fatores físicos e biológicos, contato que o indivíduo teve com o meio em questão, educação, herança cultural, dentre outras, devem ser levadas em consideração para que seja compreendido como cada um conhece e percebe o meio ambiente.

A Educação Ambiental (EA) vem sendo tratada, por vezes, como um modelo tecnicista, mostrando-se mais próxima de um adestramento do que de uma real formação de qualidade (BRUGGER, 2004). Assim a EA é muito mais que um adestramento e se mostra extremamente importante, uma vez que tanto os aspectos físicos ambientais, quanto os aspectos sociais, influenciam o desenvolvimento humano (CAMPOS-DE-CARVALHO; SOUZA, 2008).

Com isso, o presente trabalho busca analisar a percepção ambiental, consciência e comportamento de frequentadores de um parque municipal da cidade de São Paulo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Percepção Ambiental

Estudos sobre percepção de áreas verdes, especialmente parques, contribuem para conhecer o perfil de seus frequentadores e identificar como eles utilizam esse determinado espaço (COSTA; COLESANTI, 2011). O conhecimento da percepção e uso de equipamentos pode auxiliar tanto na manutenção da infraestrutura (como banheiros, bebedouros e área verde) como na promoção de melhorias importantes para os frequentadores. Considerar a opinião de frequentadores também pode contribuir para a conservação do espaço público e posteriormente, do ecossistema de um modo geral.

A interação do ser humano com o meio ambiente, bem como sua consciência e comportamento pode contribuir como instrumento para os gestores planejarem ações de educação ambiental. Dessa forma, compreender a percepção, consciência e comportamento de um grupo de frequentadores do Parque da Independência pode fornecer informações contribuindo para estas ações. A percepção ambiental é hoje, um tema recorrente que vem a colaborar para a consciência e prática de ações individuais e coletivas (CUNHA; LEITE, 2009), uma vez que cada indivíduo percebe o meio ambiente de uma maneira particular (REBOUÇAS et al., 2015).

Estudos realizados como este tema, em países como a China, mostram que diferentes perfis sociais da população percebem e utilizam os espaços verdes urbanos de maneiras divergentes (JIN; CHEN, 2010), logo, a percepção ambiental pode, e muito provavelmente, está relacionada à atitude ambiental do indivíduo. Ainda que a percepção esteja correlacionada, em parte, com regras delimitadas pela cultura de uma população, ela ainda é idiossincrática (COSTA; COLESANTI, 2011). Sendo assim, diversos fatores pessoais como fisiologia humana, talentos, temperamento, idade e gênero, irão afetar as atitudes ambientais de cada indivíduo.

É de grande importância que haja uma conscientização para que a população contribua, com suas atitudes, com o meio ambiente que vive. Um consumidor, por exemplo, que não tenha informações em relação aos produtos que consome, pode escolher seu consumo apenas pelo fator preço (AMORIM et al., 2009). A Educação Ambiental tem um importante papel nessa conscientização, conforme será apresentado a seguir.

Educação Ambiental

A Educação Ambiental (EA) é tratada, por vezes, como um modelo tecnicista, mostrando-se mais próxima de um adestramento do que de uma real formação de qualidade (BRUGGER, 2004). Assim a EA é muito mais que um adestramento e se mostra extremamente importante, uma vez que tanto os aspectos físicos ambientais, quanto os aspectos sociais influenciam o desenvolvimento humano (CAMPOS-DE-CARVALHO; SOUZA, 2008).

Segundo Campos-de-Carvalho (2004), os aspectos sociais, psicológicos ou pessoais, culturais, econômicos, políticos, geográficos, arquiteturais, entre outros, influenciam na qualidade do desenvolvimento humano. Logo, a presença da EA, seja ela formal, informal ou não-formal, é de suma importância na aprendizagem humana.

O Brasil, de acordo com Loureiro (2004), é um país que tem efetuado um papel protagonista no debate sobre a educação ambiental na construção da sustentabilidade, sendo inclusive um país com grande fertilidade de ideias.

Em suma, a EA está diretamente relacionada a inúmeros fatores de grande relevância, como a aproximação da escola à comunidade; o planejamento de atividades curriculares ou extracurriculares; entre outros aspectos que colaboram para ampliar o conhecimento sobre este tema. (LOUREIRO, 2004).

METODOLOGIA

Área de estudo

O município selecionado para o presente estudo é a cidade de São Paulo, localizada no Estado de São Paulo (Figura 1). Atualmente essa cidade possui uma população de 12.038.175 habitantes e 1.521,110Km² de área da unidade territorial segundo o IBGE (2016).

O Parque selecionado como objeto de estudo neste trabalho é o Parque da Independência, localizado na Av. Nazareth, sem número, no bairro do Ipiranga. Este parque está localizado na região Sul da cidade de São Paulo com área total de 21.188 m² segundo a Prefeitura do Estado de SP. O presente parque é um marco histórico nacional, onde D. Pedro I declarou o país independente de Portugal, na Colina do Ipiranga, junto ao Riacho do Ipiranga em 1822.

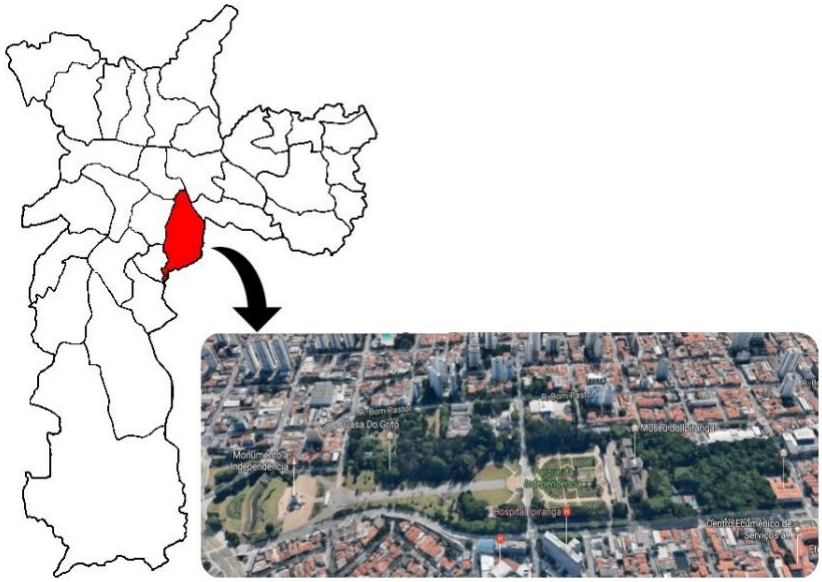


Figura 1. Imagem da cidade de São Paulo com destaque para a Prefeitura Regional do Ipiranga, onde está localizado o Parque da Independência.

Fonte: Google Earth (2017)

Coleta dos dados

Por meio de entrevistas que seguiram um roteiro estruturado, foram coletadas informações sobre os frequentadores do parque que concordaram voluntariamente em participar da pesquisa, quando abordados de forma face a face (MARCONI; LAKATOS, 2007). O presente projeto faz parte de um projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CoEP) sob número de protocolo: 846.246. Dessa forma, cada entrevistado preencheu e assinou um Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento (TCLE), com a orientação e ajuda dos autores.

O roteiro foi estruturado a partir de questões relacionadas ao perfil do entrevistado e percepção sobre a estrutura presente no Parque da Independência. Para essa avaliação foram utilizadas cinco imagens, conforme está representado na Figura 2. Foi utilizada uma escala likert de cinco pontos, em que o frequentador responde de 1 a 5, variando de “muito ruim” a “muito boa”. Esta avaliação se refere a quanto o frequentador está satisfeito com a infraestrutura do parque analisado.

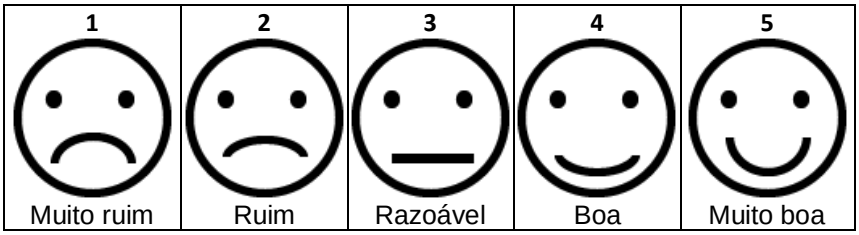


Figura 2. Escala utilizada nas entrevistas para avaliar a percepção dos frequentadores sobre a infraestrutura do Parque da Independência, município de São Paulo, SP.

Os dez itens avaliados foram: qualidade das áreas verdes, manutenção dos monumentos, qualidade dos banheiros, disponibilidade de bebedouros, qualidade dos brinquedos (playground), disponibilidade de bancos, disponibilidade de equipamentos de ginástica, qualidade da pista de caminhada, disponibilidade de estacionamento e segurança do parque.

Análise dos dados

Os dados qualitativos e quantitativos foram analisados pelos autores utilizando como base o método já validado por De Angelis et al. (2004). O perfil socioambiental dos frequentadores estudados, foi caracterizado pelas seguintes variáveis: 1. Faixa etária; 2. Escolaridade; 3. Situação conjugal; 4. Número de filhos; 5. Meio de transporte para acesso ao parque; 6. Período que frequenta o parque; 7. Frequência com que vai ao parque e 8. Gênero. Todas essas informações foram levantadas no momento da pesquisa.

Todos dados obtidos foram submetidos a análises estatísticas básicas, com o auxílio do software Microsoft® Excel (2013), como ensina Santos et al. (2014). Os resultados obtidos foram categorizados de acordo com as respostas aos estímulos empregados nos entrevistados, como avaliar: a infraestrutura e os equipamentos presentes no Parque da Independência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil socioambiental dos frequentadores

O perfil dos entrevistados foi definido a partir da aplicação de um questionário. Ao todo, participaram do estudo 106 frequentadores do parque, os quais foram abordados e responderam voluntariamente as perguntas.

Dentre os 106 entrevistados, 76 eram mulheres e 30 homens. Este resultado é diferente ao apresentado no estudo de Gehrke et al. (2011), em que a maior parte dos entrevistados (78%) eram do sexo masculino. Das mulheres entrevistadas, 47,37% tinham idade entre 18 e 29 anos; 32,89% entre 30 e 39 anos e 19,74% com 40 anos ou mais. Dentre os homens, os de idade entre 18 a 29 anos somaram 50% do total de entrevistados, 40% tinham idade entre 30 e 39 anos e apenas 10% possuiam idade igual ou superior a 40 anos.

As mulheres apresentaram heterogeneidade em relação à situação conjugal, nas opções solteira que foi escolhido por 36 entrevistadas (47,37%) e as casadas que somaram 35 das entrevistadas, num total de 46,05%. Apenas 6,58% das entrevistadas disseram ser viúvas, divorciadas ou desquitadas. Os homens disseram ser, em sua maioria, solteiros (63,33%). Já os casados foram 36,67% e nenhum dos homens respondeu ser viúvo, divorciado ou desquitado.

Assim como analisado por Suess et al. (2013), a escolaridade dos entrevistados também foi pesquisada. A maioria das mulheres entrevistadas relataram possuir nível

superior, completo ou incompleto (51,32%), resultado este bastante diferente do trabalho elaborado por Dacanal et al. (2010), em que os autores relataram que os níveis de escolaridade da população por eles estudada concentrou-se no ensino médio (45%). Os homens que possuíam nível superior foram representados por 40% de sua totalidade. 46,05% das mulheres e 53,33% dos homens que responderam à pesquisa dizem ter nível médio completo ou incompleto. Ainda em relação à escolaridade, apenas duas mulheres (2,63%) e dois homens (6,67%) disseram possuir nível fundamental, completo ou incompleto.

Em relação a possuir, ou não, filhos, o resultado apresentado é bastante significativo, principalmente pelos números, inversamente proporcionais obtidos. Enquanto 60,53% do total de mulheres entrevistadas disseram possuir filhos, 70% dos homens relatam o oposto, isto é, não possuem filhos. Os homens que possuem filhos somaram apenas 30%. Este resultado, apresentado por meio da análise do gênero masculino, difere de outros estudos como de Régis (2016), onde a porcentagem de frequentadores com filhos é maior que a que não possui filhos.

Quando questionado quantos habitantes residem na residência (incluindo o próprio entrevistado), 52,63% das mulheres e 53,33% dos homens disseram que haviam de um a três habitantes por residência. 47,37% das mulheres e 46,67% dos homens responderam de quatro a seis habitantes. A opção “sete ou mais habitantes por residência” não foi escolhida por nenhum entrevistado de ambos os sexos.

Das mulheres entrevistadas, a grande maioria diz ir ao parque acompanhada (82,89%), bem como os homens (83,33%), enquanto 17,11% das mulheres disse ir sozinha ao parque e apenas 16,67% dos homens disseram que também costumam ir sozinhos ao parque.

Sabendo que a possibilidade de chegar com facilidade aos espaços de lazer, como parques, está diretamente relacionada a quantidade de vezes que os frequentadores o utilizam, como mostrado em estudo de Teramussi (2008), foi analisado a frequência com que os frequentadores visitam o Parque da Independência. Esta frequência do uso do parque, tanto por homens quanto por mulheres, é bastante parecida. A opção escolhida tanto pelas mulheres (51,32%) quanto pelos homens (53,33%) foi “eventualmente”. A opção “mensalmente” foi escolhida por 19,74% das mulheres e 26,67% dos homens. A quantidade de mulheres que frequentam o parque “semanalmente” (17,11%) é um pouco mais expressiva que de homens (13,33%). Por fim, a opção menos escolhida foi alternativa “diariamente”, tanto por parte das mulheres entrevistadas (11,84%) quanto por parte dos homens (6,67%).

Da totalidade de entrevistados, 50% das mulheres disseram ir ao parque no período da manhã e 48,68% no período da tarde. 46,67% dos homens frequentam o parque no período da manhã e 50% no da tarde. Apenas 1,32% das mulheres e 3,33% dos homens disseram ir ao parque no período da noite. Para este último dado avaliado, deve ser levado em consideração que as entrevistas e visitas ao parque para a condução desta pesquisa foram feitas, em sua imensa maioria, no período da manhã e da tarde, ocorrendo poucas vezes visitas no período entre o final de tarde e noturno.

Como o Parque da Independência é considerado um parque de fácil acesso, sendo esse um fator de grande importância uma vez que um dos fatores que mais influenciam as pessoas

a frequentar e consequentemente interagir com as áreas verdes, é a facilidade, conforto e segurança com que chegam a esses lugares (BAUM; PALMER, 2002), os entrevistados relataram diversas formas de meios de transporte que costumam utilizar para ir ao parque. Pode-se observar na tabela 1, que 36,84% das mulheres e 40% dos homens disseram que vão de ônibus. A maioria das mulheres entrevistadas (52,63%) disseram ir de carro, bem como 36,67% dos homens deram a mesma resposta. Esses resultados corroboram com estudos realizados na China, que mostram que diferentes perfis da população, percebem e utilizam os espaços verdes urbanos de maneiras divergentes (JIN; CHEN, 2010).

Dentre os frequentadores entrevistados, 7,89% das mulheres e 16,67% dos homens disseram que costumam ir a pé, enquanto 2,63% das mulheres e 3,33% dos homens vão de bicicleta. O item "outros" foi citado apenas por um usuário homem (3,33%) que relatou ir de *skate* ao parque.

Tabela 1 – Perfil socioambiental dos frequentadores entrevistados no Parque da Independência.

VARIÁVEIS	MULHERES		HOMENS	
	N=76	(71,70%)	N=30	(28,30%)
FAIXA ETÁRIA				
18 a 29 anos	36	47,37%	15	50,00%
30 a 39 anos	25	32,89%	12	40,00%
40 aos ou mais	15	19,74%	03	10,00%
NÍVEL DE ESCOLARIDADE				
Ensino fundamental (incompleto ou completo)	02	2,63%	02	6,67%
Ensino médio (incompleto ou completo)	35	46,05%	16	53,33%
Ensino superior (incompleto ou completo)	39	51,32%	12	40,00%
SITUAÇÃO CONJUGAL				
Casados (as)	35	46,05%	11	36,67%
Solteiros (as)	36	47,37%	19	63,33%
Divorciados (as) / Viúvos (as)	5	6,58%	0	0,00%
FILHOS				
Sim	46	60,53%	09	30,00%
Não	30	39,47%	21	70,00%
PERÍODO QUE FREQUENTA				
Manhã	38	50,00%	14	46,67%
Tarde	37	48,68%	15	50,00%
Noite	01	1,32%	01	1,33%
FREQUÊNCIA DE USO DO PARQUE				
Diariamente	09	11,84%	02	6,67%
Semanalmente	13	17,11%	04	13,33%
Mensalmente	15	19,74%	08	26,67%
Eventualmente	39	51,32%	16	53,33%
COSTUMA FREQUENTAR O PARQUE				
Sozinho	13	17,11%	5	16,67%
Acompanhado	63	82,89%	25	83,33%
TRANSPORTE UTILIZADO				
Ônibus	28	36,84%	12	40,00%
Carro	40	52,63%	11	36,67%
A pé	06	7,89%	05	16,67%
Bicicleta	02	2,63%	01	3,33%
Outros	00	0,00%	01	3,33%
NÚMERO DE HABITANTES POR RESIDÊNCIA				

Um a três	40	52,63%	16	53,33%
Quatro a seis	36	47,37%	14	46,67%
Sete ou mais	00	0,00%	00	0,00%

Fonte: Os autores (2018)

Percepção dos frequentadores em relação à infraestrutura

A percepção dos frequentadores do Parque da Independência, em relação à infraestrutura, foi avaliada por meio de uma ficha contendo 10 questões sobre as características do parque. Os voluntários tinham que avaliar estas por meio de uma ficha que continha expressões enumeradas de 1 a 5, conforme já foi descrito na metodologia e representado na Figura 2. Essa ficha foi entregue a eles no ato da entrevista.

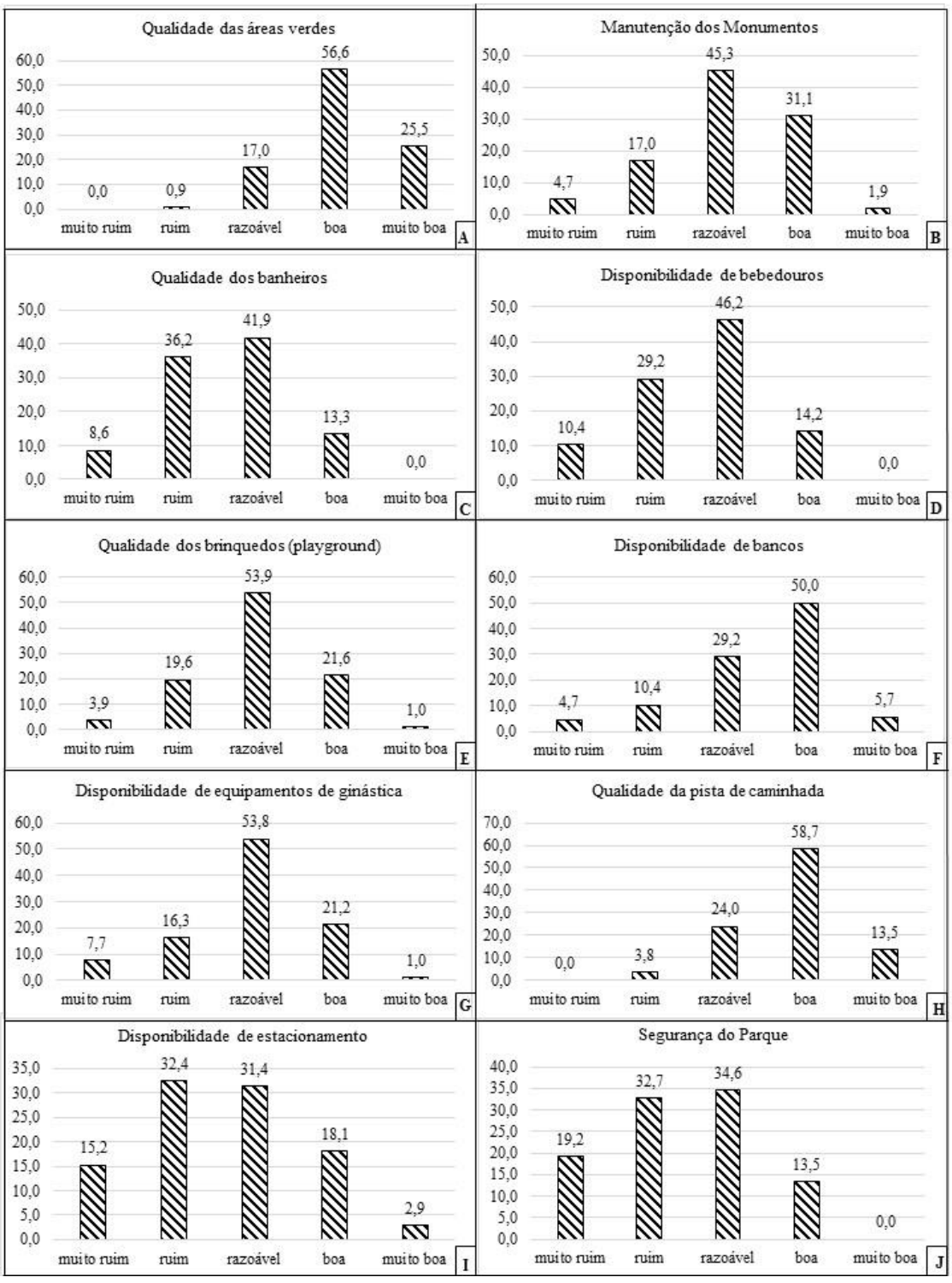
A primeira característica avaliada, e a melhor conceituada pelos frequentadores, foi a qualidade das áreas verdes do parque (Quadro 1), se mostrando uma grande potencialidade quando levado em consideração que áreas verdes assumem a função de embelezamento da cidade, oferecendo um espaço convidativo ao lazer, interação social e atribuições ecológicas (BENINI; MARTIN, 2011).

Dos 106 entrevistados, a maioria (56,60%) disse ser “boa”, seguido por 25,47% que disseram ser “muito boa” e 16,98% disseram perceber a qualidade das áreas verdes como “razoável”. Apenas um entrevistado (0,94%) disse ser “ruim“ e nenhum participante desta pesquisa escolheu a opção “muito ruim” para essa característica.

A manutenção dos monumentos do parque também foi uma característica questionada. A maioria dos entrevistados (45,28%) disseram ser “razoável”. Os demais entrevistados disseram ser “boa” (31,13%), “ruim” (16,98%) e “muito ruim” (4,72%). Apenas 1,89% do total de entrevistados disse ser “muito boa”.

Quando questionados a respeito da qualidade dos banheiros presentes no parque, apenas 105 dos 106 entrevistados responderam a esta questão. Destes que responderam, 41,90% disseram ser “razoável”, seguidos por “ruim” (36,19%) e “boa” (13,33%). Nos extremos, apenas 8,57% da totalidade disseram que a qualidade era “muito ruim” e nenhum entrevistado disse ser “muito boa”. O entrevistado que não respondeu a esta questão relatou nunca ter utilizado o banheiro do parque, logo, não tinha propriedade para opinar sobre o assunto.

A percepção dos frequentadores sobre a disponibilidade de bebedouros no parque também foi avaliada. 46,23% dos 106 entrevistados disseram possuir qualidade “razoável”, seguidos por 29,25% que disseram ser “ruim” e 14,15% “boa”. 10,38% dos entrevistados escolheram a opção “muito ruim”, enquanto a opção “muito boa” não foi escolhida por nenhum dos voluntários.



Quadro 1. Percepção da infraestrutura do Parque da Independência pelos frequentadores, a partir de uma escala likert com 5 opções de resposta: muito ruim, ruim, razoável, boa e muito boa.

Em A: Qualidade das áreas verdes; B: Manutenção dos monumentos C: Qualidade dos Banheiros; D: Disponibilidade de bebedouros; E: Qualidade dos Brinquedos; F: Disponibilidade de Bancos; G: Disponibilidade de Equipamentos Para Ginástica; H: Qualidade da Pista de Caminhada; I: Disponibilidade de Estacionamento; J: Segurança do parque.

Fonte: Os autores (2018)

A metade absoluta dos entrevistados disseram que a disponibilidade de bancos no parque é “boa”, somando 50% do total. As demais opções também foram escolhidas pelos voluntários neste quesito, sendo elas: Razoável (29,25%), ruim (10,38%), muito boa (5,66%) e muito ruim, com 4,72% do total das escolhas.

A disponibilidade de equipamentos de ginástica foi mais uma característica avaliada pelos entrevistados. Eles disseram ser uma característica razoável em sua maioria (53,85%), seguido por boa (21,15%), ruim (16,35%), muito ruim (7,69%) e muito boa (0,96%) que foi escolhida por apenas um participante da pesquisa. É importante ressaltar que esta característica foi respondida por apenas 104 participantes, pois dois, do total de entrevistados, disseram não possuir conhecimento destes equipamentos no parque. O mesmo ocorreu com o próximo item avaliado.

A qualidade da pista de caminhada também foi avaliada só por 104 participantes, muito provavelmente por ela se encontrar no mesmo local onde estão presentes os equipamentos de ginastica. Dos entrevistados que se julgaram capazes de avaliar essa característica, a grande maioria apresentou ter uma percepção positiva sobre o item, uma vez que 58,65% disseram ser boa, 24,04% disseram se razoável e 13,46% muito boa. Em contrapartida, apenas quatro entrevistados (3,85%) disseram ser ruim. A opção muito ruim não foi citada pelos entrevistados.

A disponibilidade de estacionamento não foi tão bem avaliada quanto o item anterior, uma vez 32,38% dos entrevistados avaliou este quesito como ruim e 15,24% como muito ruim. A opção razoável foi escolhida por 31,43% do total e os que disseram ser boa somaram 18,10%. Apenas 2,86% citaram a opção muito boa como resposta. A avaliação deste item provavelmente não foi tão positiva pelo fato de que o parque oferece apenas um estacionamento para seus frequentadores, e, segundo eles, quase não há sinalização. Alguns relataram não saber da existência do mesmo, sendo esse, um dos motivos que fez com que um entrevistado não respondesse a este quesito, logo, apenas 105 dos entrevistados responderam a esta parte da entrevista.

A última característica do parque que foi avaliada por apenas 104 do total, foi a segurança do parque, característica essa de extrema importância, uma vez que a criminalidade pode acarretar no incentivo ou na inibição da prática de atividades físicas e ambientais (MCGINN et al., 2008). Esta foi a avaliação mais negativa entre todas, conforme consta no Quadro 1. A opção muito boa não foi citada e a boa foi citada pela minoria dos participantes (13,46%). As opções razoável, ruim e muito ruim foram escolhidas por 34,62%, 32,69% e 19,23% dos frequentadores que participaram desta pesquisa, respectivamente. Este resultado mostra um importante ponto negativo e fragilidade identificado no parque estudado, que deve nortear as estratégias futuras de melhorias do parque, uma vez que, conforme destacado por Cavalheiro et al. (1999), os locais de passeio a pé devem oferecer segurança e comodidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar a percepção ambiental, consciência e comportamento de frequentadores de um parque municipal da cidade de São Paulo. A infraestrutura do Parque da Independência é avaliada de forma regular pelos frequentadores. Alguns equipamentos e estruturas são classificados como ótimos e bons, porém, apresentando itens ruins e péssimos. Portanto, cuidados com manutenção e avaliações contínuas se mostram de extrema importância para decisões de gestores públicos.

A qualidade das áreas verdes é percebida como boa e/ou muito boa pelos frequentadores do parque. No entanto, a segurança do parque e estacionamento, estão aquém das expectativas. Em suma, o parque de uma forma geral, se mostrou, por meio da percepção e relatos dos entrevistados, um parque que apresenta falhas em sua segurança, cuidados com a infraestrutura e manutenção dos mesmos.

Como contribuições deste estudo destaca-se a percepção de frequentadores do espaço público urbano, a qual é fundamental para a manutenção e conservação desta área verde. Dessa forma, cabe aos gestores analisar as avaliações dos frequentadores entrevistados. Os resultados dessa análise poderão servir como ferramenta e instrumento para desenvolvimento de atividades e projetos de Educação Ambiental visando a melhoria para a gestão do parque e sociedade.

REFERÊNCIAS

AMORIM, B. C.; ARAÚJO, A. C. C.; GOLÇALVES, G. A. C.; QUEIROZ, C. T. A. P.; LIRA, W. S.; RAMALHO, O. C. S. Diagnóstico da consciência ambiental dos gestores: Eco – atitudes e consumo sustentável em Campina Grande/PB – Brasil. **Qualitas: revista eletrônica**, v. 8, n. 2, 2009.

BAUM, F.; PALMER, C. “Opportunity structures”: urban landscape, social capital and health promotion in Australia. **Health promotion international**, 17(4), 351-361, 2002.

BENINI, S. M.; MARTIN, E. S. Decifrando as áreas verdes públicas. **Revista Formação,** n.17, volume 2 – p. 63-80, 2011. Disponível em (http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/viewFile/455/489). Acesso em: 04 de dezembro de 2017.

BRUGGER, Paula. **Educação ou adestramento ambiental**. Chapecó. Florianópolis: Argos, p 91, 2004.

CAVALHEIRO, F. et al. Proposição de terminologia para o verde urbano. **Boletim Informativo Sociedade Brasileira de Arborização Urbana**, Rio de Janeiro: SBAU, ano VII, n.3, p.7, jul./ago./set. 1999.

CAMPOS-DE-CARVALHO, M.; SOUZA, T. N. Psicologia ambiental, psicologia do desenvolvimento e educação infantil: Integração possível? **Paidéia**, v. 18, 25-40, 2008.

CONAMA. Conselho Nacional do Meio Ambiente. **Resolução nº 369/2006**. Dispõe sobre os casos excepcionais, de utilidade pública, interesse social ou baixo impacto ambiental, que possibilitam a intervenção ou supressão de vegetação em Área de Preservação Permanente-APP. Brasília, 2006.

COSTA, R.G.S; COLESANTI, M.M. A contribuição da percepção ambiental nos estudos das áreas verdes. **Raega – O Espaço Geográfico em Analise**, v.22, 2011.

CUNHA, A. S.; LEITE, E. B. Percepção ambiental: Implicações para educação ambiental. **Sinapse Ambiental**, 66–79, 2009.

DACANAL, C.; LABAKI, L. C.; SILVA, T. M. L. Vamos passear na floresta! O conforto térmico em fragmentos florestais urbanos. **Ambiente Construído***,* Porto Alegre, 10(2), 115-132, 2010.

DE ANGELIS, B.L.D; CASTRO, R. M.; DE ANGELIS NETO, G. Metodologia para levantamento, diagnóstico e avaliação de praças no Brasil. Engenharia Civil, 4(1), p.57-70, 2004.

DIAS, G. F. **Atividades interdisciplinares de educação ambiental.** São Paulo, Gaia, 2006.

DORIGO, T. A.; LAMANO-FERREIRA, A. P. N. Contribuição da percepção ambiental de frequentadores sobre praças e parques no Brasil (2009-2013): Revisão bibliográfica. **GeAS – Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 4, n. 3, 31-45, 2015.

FRANÇA, J. U. B.; LAMANO-FERREIRA, A. P. N.; RUIZ, M. S.; QUARESMA, C. C.; KNIESS, C. T.; RAMOS, H. R.; FERREIRA, M. L. Ecological knowledge about protected areas in the east zone of São Paulo, SP: Implications for sustainability in urban area. **Holos**, v. 3, 174–185, 2016.

FREIRE, O.; QUEVEDO-SILVA, F.; FREDERICO, E. Mensurando a consciência ambiental do consumidor: Um estudo comparativo entre as escalas NEP e ECCB. **Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas**, v. 10, n. 18, 244-263, 2013.

GEHRKE, A. E. B.; RUGE, D.; FEDRIZZI, B. Percepção ambiental dos frequentadores da orla do lago Guaíba na cidade de Porto Alegre - RS. In: Encontro Nacional sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis, 6.,Encontro Latino-Americano sobre edificações e comunidades Sustentáveis, 4. 2011, Vitória-ES. **Anais.** Vitória-ES: UFES, 2011.

GOOGLE EARTH - Disponível em (https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1_pKl9RdlmSAaX46uOGIeS91VFeA&hl=en_US&ll=-23.58408906659632%2C-46.60978449999999&z=16). Visualizado em 09/12/2017.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em (http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=355030). Visualizado em 25/04/2017.

JIN, C.Y.; CHEN, W.Y. External effects of neighbourhood parks and landscape elements on high-rise residential value. **Land Use Policy**, 27, 662-670, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5 ed. p. 296, São Paulo: Atlas, 2002.

MCGINN, A.P.; EVENSON, K.R.; HERRING, A.H.; HUSTON, S.L; RODRIGUEZ, D.A. The association of perceived and objectively measured crime with physical activity: a crosssectional analysis. **Journal of physical activity & health. Champaign**, v. 5, n. 1, p. 117-131, 2008.

PEREIRA, D.A.; PATO, C. Valores e comportamento ecológico: Dimensões para educação ambiental em parques urbanos. **Ambiente & Educação**, v. 20, n. 2, 81–101, 2015.

REBOUÇAS, M. A.; GRILO, J. A.; ARAÚJO, C. L. Percepção ambiental da comunidade visitante do parque municipal Dom Nivaldo Monte em Natal/RN. **Holos**, v. 3, 109–120, 2015.

SALLIS, J. F. et al. Distance between homes and exercise facilities related to the frequency of exercise among San Diego residents**. Public Health Reports**, 105, 179-185.

SANTOS, M. N., CUNHA, H. F. A., LIRA-GUEDES, A. C., GOMES, S. C. P., & GUEDES, M. C. Saberes tradicionais em uma unidade de conservação localizada em ambiente periurbano de várzea: etnobiologia da andirobeira (Carapa guianensis Aublet). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas***,* 9(1), 93-108, 2014.

SILVA, C. F. R.; VARGAS, M.A.M. Sustentabilidade Urbana: Raízes, Conceitos e Representações. **Scientia Plena**, v. 6, n. 3, 2010.

SUESS, R. C.; BEZERRA, R.G; CARVALHO, S.H. **Percepção ambiental de diferentes atores sociais sobre o Lago do Abreu em Formosa – GO**. Holos, v.6, p.241-258, 2013.

TERAMUSSI, M. T. Percepção ambiental de estudantes sobre o espaço ecológico Tietê. **Pós-Graduação em Ciência ambiental** - Universidade de São Paulo. São Paulo. 106 p. 2008.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Eduel, 2012.